

O Voo da Tarde

Poderia ser *O Voo mais Alto*, *A Hora da Alegria*, *A Dança das Ideias* ou *A Hora da Verdade*, mas ficou decidido por maioria que aquela hora seria *O Voo da Tarde*. Quem apresentou a sugestão foi a Sara, secundada pelo Rodrigo, que imediatamente apoiou a ideia; depois, a Mariana, pequenina, pequenina, que sugerira *A Hora da Verdade*, pôs-se em bicos de pés e afirmou: Desisto da minha proposta. *O Voo da Tarde* vai ser o nome da nossa viagem diária, porque pode ter real e imaginário, podemos falar de problemas, de sonhos, de fantasia.

Bom, o que importa é que nesta hora diária se cumpra o objectivo, que a professora Irene não disse, mas eu acho que sei qual é, disse o Pedro, vivaço. Que a turma melhore o seu comportamento.

É verdade, mas não é o único, esclareceu a professora Irene. O meu maior desejo é que aprendam, sendo felizes e contribuindo para que os outros à vossa voltam também o sejam – colegas, professores, família, vizinhos, compatriotas, companheiros deste planeta e, quem sabe, até de outros. Gostaria também que, nesta hora diária, pudéssemos abordar assuntos que a todos interessassem, propostos por vós. Começaremos já na próxima segunda-feira, informou a professora, que passara várias décadas da sua vida dentro daquela escola e nunca deparara com um grupo de crianças tão irrequietas e barulhentas. Já eram indisciplinados no 5.º ano, mas estavam cada vez pior.

Proponho que cada um traga na lapela um símbolo, feito ou não por vós, que sugira aos outros o tema que gostaria de ver tratado.

Eu já sei, trago um aviãozinho, disse o Filipe. E eu, uma borboleta, sussurrou a Marta, que era a mais discreta da turma.

Têm tempo de decidir, disse a professora. Só vos peço que reflectam bem e venham preparados para propor um tema que realmente vos interesse ou preocupe.

Está na hora de arrumarmos. Até ao *Voo da Tarde* de 2.ªfeira!

A sala do *Voo da Tarde* era ao lado da biblioteca, a única disponível àquela hora. Num dos cantos, existia um armário fechado, que já estivera cheio de livros, mas que agora se encontrava vazio, pois tinham sido enviados para Timor. A professora Irene deu esta informação à turma, mal entraram na sala, como um exemplo de solidariedade planetária. – Como vêem, podemos prestar uma preciosa ajuda a quem se encontra num distante canto do planeta, com meios tão simples como este – livros que já não nos faziam falta e que, para os alunos timorenses, são uma valiosa dádiva. Há muito desperdício no mundo, e uma das formas de ajudar quem mais precisa é acabando com ele. Sugiro que vão pensando nisso e, amanhã, voltaremos ao tema.

Olhe o meu avião, professora! Sabe por que razão o trouxe?, perguntou o Filipe. É porque sonho frequentemente que estou a voar, e gostava de encontrar uma explicação para isso.

Eu acho que tenho uma, alvitrou o Rodrigo. O nosso planeta encontra-se permanentemente a errar, solto no cosmos; como nós somos parte integrante dele, é natural que exista em nós esse desejo; mas como não o expressamos verbalmente, ele acaba por invadir os nossos sonhos.

Pois, tudo isso é muito interessante, mas quando eu sugeri *O Voo da Tarde* para nome destes encontros, não estava propriamente a pensar em voos físicos, mas sim em voos do pensamento, em ideias, esclareceu a Sara. Era bom que todos apresentassem sugestões que pudessem contribuir para que cada um de nós se tornasse melhor, o que resultaria na melhoria da turma, da escola, do país, do mundo.

És uma sonhadora, disse o José, que era sempre o mais terra-a-terra. Já será muito bom se estes encontros servirem para que não haja processos disciplinares na turma. Comigo, já faltou pouco!

Eu trago um pássaro, disse a Rita Isabel. Gostava que falássemos sobre a liberdade. O meu pai diz que é um dos valores que mais importa preservar,

que muito sofrimento custou a quem lutou por ela, mas não me parece que haja realmente liberdade. Nem sei se alguma vez será possível que haja!

Porque dizes isso, Rita?, perguntou a professora.

Eu acho que há sempre circunstâncias que nos condicionam; as próprias regras da Natureza são uma condicionante.

Podes explicar-te melhor?, perguntou o Francisco.

Olha, dou-te o exemplo da minha prima: adorava ter um bebé, já consultou vários médicos, fez diversos tratamentos, e não consegue ficar grávida. Não concordas que é a Natureza que coarcta a sua liberdade, impedindo-a de ser mãe?

Pode sempre adoptar uma criança, que é outra forma de ser mãe, disse a Marta.

A propósito de liberdade, eu gostaria que falássemos sobre a nudez, disse o Alexandre. Nunca consegui entender muito bem por que razão é proibida a nudez.

Nunca te contaram a história de Adão e Eva?, perguntou a Ana Rita.

Tretas, respondeu o Alexandre. Para mim, a nudez é sinónimo de verdade, sinceridade, igualdade. Porque as roupas são, frequentemente, causa de discriminação.

Compreendo-te, disse o Rodrigo. E no Inverno, como resolvias o problema? Pondo toda a gente a usar roupa igual? Mas isso também seria interferir com a liberdade individual!

A primeira coisa que temos de prometer, disse a Joana, que era das mais conversadoras na sala de aula, é que só falará um de cada vez e que haverá silêncio quando alguém estiver a explicar um assunto ou a expor dúvidas.

Olha quem fala, disse o Alexandre, sarcástico. Tu interrompes os outros a toda a hora...

Interrompia, menino, interrompia, mas a minha reflexão em casa, conforme a professora pediu, levou-me a concluir que era em relação a esse comportamento que eu tinha de mudar.

A professora Irene fez um gesto de acordo com a cabeça, e pouco mais interveio. Aquela era a hora de os alunos se expressarem livremente, de manifestarem os seus anseios e preocupações, desenvolvendo simultaneamente o pensamento e a oralidade, e estava a correr bem.

Alguns minutos antes do final, foi feito o balanço da sessão. Quase todos concluíram que não se tinha avançado muito, mas era apenas a primeira de muitas, e tinham sido levantadas algumas questões interessantes. Para o dia seguinte, ficou combinado que cada um traria uma sugestão de como poderiam mudar a escola para melhor.

(À saída, houve alguém que ensaiou um voo, e ia mesmo voando pelas escadas abaixo. Mas isso foi apenas um sinal de entusiasmo, que, já se sabe, quando é excessivo, pode resultar em acidente).

Mas no dia seguinte a professora ficou doente. Foi com expressões de decepção que a maior parte dos alunos acolheu a notícia. Um deles perguntou à auxiliar da acção educativa se poderiam ficar na sala, mas esta explicou-lhes que não era permitido ficarem lá sem um professor, e sugeriu: Porque não vão para o recreio? Está um dia tão bonito!

Boa ideia, disseram alguns. Vamos todos, incentivou o Rodrigo. Que ninguém se ponha com ideias de ir jogar à bola. Temos assuntos sérios a debater; a bola pode esperar.

Escolheram a sombra da maior árvore do recreio para se sentarem em círculo. E então, a Inês, uma das alunas mais reservadas da turma, surpreendeu-os a todos: Sei que há alunos na escola, e até talvez nesta turma, que vêm em jejum, porque as famílias estão sem dinheiro para comprarem alimentos. A professora falou em ideias para melhorarmos a escola, e eu acho que temos de começar pelo mais importante: ninguém consegue ser bom aluno com fome. Por isso, precisamos de pensar numa forma de ajudar esses alunos sem os fazermos sentirem-se humilhados. Aceitam-se ideias.

Eu tenho uma, disse a Sara. Vamos fazer uma feira com todas as roupas e brinquedos de que já não precisamos.

E livros, sugeriu o Filipe.

A minha mãe comprou móveis novos há pouco tempo e não sabe o que há-de fazer aos antigos, que ainda estão em bom estado – disse a Francisca.

E quase toda a gente tem um ou dois cobertores de que não precisa. Na minha casa, foram todos substituídos por edredons, disse a Ana Rita.

E sítio para fazer a feira?, perguntou o Nuno. Com móveis e cobertores, tem de ser um espaço grande.

Já sei, disse o Pedro. Pedimos ao meu tio que nos deixe usar o armazém da fruta. Desde que ele foi para o estrangeiro, aquilo está quase vazio. Vou telefonar-lhe ainda hoje.

E como estabelecemos os preços? Têm de ser baixos, se quisermos ter compradores, disse o João.

A professora Irene ajuda-nos nisso, tenho a certeza, afirmou o Filipe.

Eu tive outra ideia, disse o Rodrigo com os olhitos a brilhar. Falamos com a assistente social para saber quais são as famílias mais carenciadas, e, se o teu tio não precisar do armazém, vamos colocando lá tudo quanto conseguirmos arranjar, e essas pessoas irão buscar o que lhes fizer falta.

Excelente ideia, respondeu o Pedro, entusiasmado. Tenho quase a certeza de que o meu tio vai concordar. Ele gosta muito de ajudar as pessoas, e chegou a dizer-me que, quando for um pouco mais velho, se irá dedicar ao voluntariado. Além disso, por trás do armazém, há um terreno onde podem ser cultivadas batatas, hortaliças e outros vegetais. Algumas famílias pobres que o desejassem poderiam utilizá-lo.

(A campainha tocou, e os alunos das outras turmas começaram a sair, mas dali ninguém arredava pé. Tiveram de vir chamá-los, porque estava na hora de encerrar a escola.)

No dia da terceira sessão, foram informados de que a professora Irene tinha sido hospitalizada; a doença era grave. Lágrimas brilharam nos rostos de alguns dos alunos – pela professora, pelo projecto, porque a semente fora lançada, mas faltava o agricultor. Então, a Sara passou uma mão pela face húmida, endireitou-se e disse: Vamos falar com o director. O nosso projecto não pode abortar. Isso seria cortar as asas ao *Voo da Tarde*. A professora Irene há-de voltar, mas mesmo que não volte, tenho a certeza de que ela desejaria que prosseguíssemos.

Já telefonei ao meu tio, informou o Pedro. Ele concordou imediatamente em ceder o armazém, e o meu pai disse que estava muito orgulhoso de nós, e ofereceu-se para disponibilizar uma hora por dia para o manter aberto e atender as pessoas.

E foi assim que nasceu o Armazém da Turma F. O director do Agrupamento apresentou o projecto no Conselho Pedagógico, que o aprovou por unanimidade. Pouco a pouco, todas as turmas aderiram, e também a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal quiseram dar o seu contributo, quer através de recursos humanos, como uma assistente social e pessoal de limpeza, quer disponibilizando transportes, sempre que era necessário carregar bens mais pesados. Neste momento, o espaço do armazém já é insuficiente, e alguns pais decidiram juntar-se para financiarem o seu alargamento. E, à medida que o projecto ia sendo divulgado, em jornais regionais e na Internet, iam nascendo *Voos da Tarde* noutras escolas, noutras vilas e cidades, e armazéns de diversas turmas por esse país fora.

Quando, alguns meses mais tarde, a professora Irene regressou, foi-lhe relatado em pormenor tudo o que acontecera (tinha ficado internada, entre a vida e a morte durante muito tempo, e fora informada sobre a criação do Armazém da Turma F, mas estava cheia de curiosidade em relação aos pormenores). O que mais a surpreendeu foi todos os colegas afirmarem que a turma se comportava exemplarmente e ninguém perturbava a aula com conversas, como acontecia anteriormente. Quando, por fim, se reuniu com os

alunos, depois de uma calorosa recepção, que incluiu a oferta de vários ramos de flores, ela quis saber qual fora a causa da transformação.

Eu penso que foram três causas, disse a Sara. A primeira foi o facto de termos tempo para conversar durante o *Voo da Tarde*; nós precisamos de tempo para falarmos, e, na maior parte das aulas, quem fala quase sempre é o professor. A segunda foi termo-nos tornado mais responsáveis, por nos sentirmos úteis e solidários com aqueles que mais necessitam de ajuda; isso fez-nos crescer. E a terceira foi pensarmos que, quando a professora voltasse, ficaria muito feliz por saber que o seu plano tinha resultado. Tínhamos muitas saudades suas, professora!

Isabel Pereira Rosa